

Posição do sujeito e posição social: um caso de competição de gramáticas em cartas dos séculos XIX e XX

*Subject position and social position: a case of grammar competition
in 19th and 20th centuries letters*

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante *

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Tarallo (1993) propõe que a virada do século XX é um marco para a história do Português Brasileiro (PB), em ocorre a emergência de uma gramática brasileira diferente da gramática do português europeu, principalmente no que se refere à preferência por sujeitos plenos e ordem SV rígida (Tarallo, 1993). O PB apresenta características de uma língua parcialmente *pro-drop*, isto é, um sujeito nulo de terceira pessoa com um referente indeterminado (Holmberg, 2006, Cavalcante, 2007). Uma das consequências dessa mudança recai na posição do sujeito que passa a ser preferencialmente anteposto ao verbo, fazendo com que se possa afirmar que o PB é uma língua de ordem VS restrita (Kato, Cyrino, Duarte, Berlinck, 2006). Neste trabalho, observamos a posição do sujeito numa amostra de cartas pessoais que compõem o Corpus Compartilhado Diacrônico: Cartas Pessoais brasileiras (<http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico/>). Trata-se de uma amostra composta de cartas escritas entre o final do século XIX e início do século XX trocadas entre casais e/ou entre os filhos dos seguintes acervos: Ottoni; Oswaldo Cruz (1889-1915); Affonso Penna; Pedreira Ferraz Magalhães e Jayme-Maria. A hipótese principal que defenderemos aqui é que é possível detectar competição de gramáticas (Kroch, 1989) entre os missivistas no que se refere à posição do sujeito relacionada, principalmente, ao papel social dos missivistas em questão.

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil; silviare@gmail.com

Por se tratar de correspondência de casais, podemos verificar, já no século XIX, nas cartas das missivistas mulheres um padrão de ordem VS muito parecido com o atual encontrado para o PB: restrito a construções inacusativas e apresentativas; ao passo que nas cartas dos missivistas homens, encontramos diferentes padrões de ordem VS. Isso pode ser explicado por contingências históricas que diferenciam como podemos perceber a configuração da gramática do PB em textos escritos a partir do século XIX: ao longo do século XIX e até meados do século XX, o papel da mulher no Brasil restringe-se aos deveres domésticos, ao passo que cabe ao homem não só o papel de provedor, mas no caso dos nossos missivistas, o papel de senador, médico, presidente. Nesse contexto, acreditamos que nas cartas das missivistas encontraremos padrões mais próximos do PB atual, do que nas cartas dos missivistas.

Palavras-chave: Posição do sujeito; Português brasileiro; Cartas pessoais.

Abstract: Tarallo (1993) proposes that the turn of the 20th century is a landmark in the history of Brazilian Portuguese (BP), with the emergence of a Brazilian grammar different from the European Portuguese one specially in relation to the preference for lexical subjects, instead of null pronominal subjects and a strict Subject-Verb order (Tarallo, 1993). BP has been analyzed as a partially pro-drop language, in which the third person singular null subject is interpreted as an arbitrary subject (Holmberg, 2006, Cavalcante, 2007). One of the consequences of this change is that subjects are preferably placed before verbs, thus, it is possible to affirm that in BP VS order is restricted to unaccusative sentences. In this paper, we analyze the subject position in a sample of private letters which are part of the Corpus Compartilhado Diacrônico: Cartas Pessoais brasileiras (Shared diachronic corpus: Brazilian private letters) (<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/>). It is a sample of letters written between the late nineteenth and early twentieth century, exchanged between couples and/or among children, from the following collections: Ottoni; Oswaldo Cruz (1889-1915); Affonso Penna; Pedreira Ferraz Magalhães and Jayme-Maria. The main hypothesis of the study is that it is possible to detect grammar competition (Kroch, 1989) between the correspondents regarding the position of the subject, mainly related to the social role of the writers in question. As they are couples correspondence, even in the nineteenth century, we can see in the women's letters a pattern of VS order very similar to the current BP pattern: they are restricted to unaccusative and VS constructions; while in the letters written

by men, we found different patterns of VS order. This can be explained by historical contingencies that differentiate, as we can see, the configuration of BP grammar in texts written from the nineteenth century on: through the nineteenth century until the mid-twentieth century the role of women in Brazil is restricted to household chores, whereas the men had not only the role of the provider, but in the case of our correspondents, a senator, doctor, president role. In this context, we believe that in women's letters we will find patterns closer to current BP than in men's letters.

Keywords: Brazilian Portuguese; Subject position; Private letters.

1 INTRODUÇÃO

Em seu clássico artigo de 1993, Fernando Tarallo aponta para a emergência de uma gramática brasileira, na virada do século XIX para o XX, diversa da gramática portuguesa. Com base na Teoria de Variação e Mudança de Weinreich, Labov e Herzog (1968), que prescinde de fundamentos empíricos, e na Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), Tarallo (1993) associa diversos fenômenos que estariam relacionados entre si, convergindo na emergência de um novo sistema: o português brasileiro (PB). Ele relaciona quatro mudanças sintáticas que ocorreram no PB que o diferenciam do Português Europeu (PE) (cf. Tarallo, 1993, p. 70):

1. “a reorganização do sistema pronominal que teve como consequências mais importantes a implementação de objetos nulos no sistema brasileiro de um lado, e sujeitos lexicais mais frequentes de outro”;
2. “a mudança sintática ocorrida nas estratégias de relativização como consequência direta da mudança no sistema pronominal”;
3. “a reorganização dos padrões sentenciais básicos (...) e, diretamente relacionado a esta ordem SVO rígida em estado de emergência à época, o enrijecimento do princípio de adjacência na marcação do acusativo”;
4. “os padrões sentenciais em perguntas diretas e indiretas”.

Dentro desse quadro, as línguas se dividem em três tipos:

- (1) línguas de sujeito nulo, as línguas *pro-drop*, que permitem sujeitos nulos referências e não referenciais, como é o caso do Italiano, do Espanhol e do Português Europeu;

- (2) as línguas não-*pro-drop*, que não permitem sujeitos nulos, até mesmo os não-referenciais, como é o caso do Inglês e do Francês e
- (3) as línguas orientadas para o discurso, ou línguas de tópico, como o Chinês e o Japonês, que possuem sujeitos nulos mas eles são orientados para o tópico.

Onde se encaixaria, dentro dos estudos em sintaxe comparativa, o Português Brasileiro?

Dentro do quadro teórico gerativista, principalmente a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros, tem-se afirmado que o PB, além de ser uma língua parcialmente *pro-drop* (cf. Kato 2000, Rodrigues 2004, Cavalcante 2006), possui características que o aproximam de línguas orientadas para o tópico (cf. Galves 1987, Pontes 1987, Negrão e Viotti 2000). Dois fatores têm sido atribuídos a essa característica:

- (1) uma possível mudança que ocorreu no paradigma flexional verbal do PB, e
- (2) a interpretação da categoria vazia na posição de sujeito.

Assim, Tarallo (1993) afirma que uma mudança no sistema pronominal, apontando para a preferência por pronomes sujeitos expressos e pronomes objetos não-expressos, foi o gatilho para o surgimento de uma outra mudança: a fixação da ordem Sujeito-Verbo (SV) no PB. Desse modo, essa rigidez na ordem SV tem sido apontada como consequência da mudança do Parâmetro do Sujeito Nulo. Dito de outra maneira: como o PB tem se mostrado como uma língua parcialmente *pro-drop*, não apresenta algumas propriedades relacionadas a uma língua *pro-drop*, tais como a inversão do sujeito, ou a ordem VS livre, características de língua *pro-drop*. Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), comparando Português Brasileiro, Finlandês e Marathi, apresentam as propriedades de línguas parcialmente *pro-drop*. Em sua argumentação, eles usam o termo “língua de sujeito parcial” estritamente para línguas que apresentam as seguintes propriedades: o sujeito nulo é um pronome genérico e o sujeito nulo é controlado por um antecedente numa sentença anterior. Essas propriedades, o PB também apresenta, como eles argumentam em seu artigo. Entretanto, consideramos aqui que a mudança que afeta a interpretação da categoria vazia na posição de sujeito (o que faz o PB ser uma língua parcialmente *pro-drop*) teve consequências na posição do sujeito, o que faz com que a ordem VS seja restrita. De fato, Kato, Cyrino, Duarte e Berlinck (2006), retomando os fenômenos elencados por Tarallo (1993), mostram um decréscimo da ordem VS em diferentes estruturas sintáticas ao longo do tempo, assim como o aumento do sujeito pleno. Além disso, Kato (2000) afirma que a ordem VS restrita no PB está condicionada a determinados ambientes

sintáticos, como as sentenças inacusativas e apresentativas, cujo sujeito na verdade é um argumento interno.

Resumidamente, o PB caracteriza-se por uma ordem SV rígida e VS restrita a sentenças inacusativas, como mostram os exemplos em (1):

- (1) a. **Um acidente horrível** aconteceu.
 b. Aconteceu **um acidente horrível**.
 c. **As encomendas** chegaram.
 d. Chegaram **as encomendas**.

No caso de sentenças apresentativas com verbos inergativos, a ordem VS não é natural:

- (2) a. **As crianças** pulam.
 b. ?Pulam **as crianças**.

Podemos encontrar casos de VS em contextos apresentativos com verbos transitivos, mas característicos de uma linguagem formulaica, como os exemplos em (3), típicos de narrativas de futebol:

- (3) a. Apita **o árbitro**.
 b. Ergue o braço **o juiz**.

Além disso, como diversos estudos têm mostrado (Duarte, 1992, Berlinck, 1989; Coelho, 2000), outros padrões de VS não são mais característicos da gramática do PB, como em interrogativas (4a) e encaixadas (4b-d):

- (4) a. Quantos livros leu **a Maria**?
 b. Perguntei que fizeram **os meus amigos**.
 c. Perguntei o que fizeram **os meus amigos**.

Diante desse quadro, podemos nos perguntar qual o padrão de ordem do sujeito encontrado em textos escritos ao longo dos séculos XIX e XX e qual a relação entre o padrão de ordem e a competição de gramáticas (Kroch, 1989; 2001). Neste sentido, este trabalho tem como objetivos: (a) apresentar a evolução dos padrões de SV e VS ao longo do tempo num corpus constituído de cartas pessoais escritas entre o final do século XIX e início do XX, considerando as datas de produção das cartas; (b) identificar os padrões de ordem SV e VS numa amostra de cartas pessoais escritas por homens e mulheres entre o final do século XIX e início

do século XX e (c) detectar competição entre gramáticas (Kroch, 1989) a partir do comportamento do sujeito nas cartas considerando os missivistas em questão.

Pode-se perguntar qual a importância desse estudo, tendo em vista a gama de trabalhos já publicados sobre o assunto. Justificamos o interesse em investigar a posição do sujeito em cartas pessoais tendo em vista as correlações que podemos fazer com questões sociais escritas e a questão da configuração da(s) gramática(s) envolvida(s) nos padrões de SV e VS. Neste sentido, vamos relacionar aqui o papel social dos missivistas com uma questão mais teórica sobre como se configura a gramática do PB no que se refere à variação SV/VS. Para tanto, consideramos na análise a questão da competição de gramáticas na variação / mudança linguística, concebida por Kroch (1989; 2001).

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 1.0, apresento a questão da competição de gramáticas num quadro de variação e/ou mudança; na seção 2.0, apresento o *corpus* e a metodologia do trabalho, além das hipóteses específicas advindas da natureza do *corpus*; na seção 3.0, apresento os resultados quantitativos obtidos e na seção 4.0 a discussão dos resultados, tendo em vista a questão da mudança e da competição de gramáticas.

2 A QUESTÃO DA MUDANÇA POR COMPETIÇÃO DE GRAMÁTICAS

No quadro teórico gerativista, no modelo de Princípios e Parâmetros, tanto na sua versão de Regência de Ligação (Chomsky, 1986; Lightfoot, 1999), como na versão minimalista (Chomsky, 1999; Lightfoot, 2003; Roberts e Roussou, 2003), a questão da mudança linguística está intimamente relacionada à aquisição da linguagem: é no período crítico de aquisição que os parâmetros são fixados a partir do *input* recebido pelas crianças. De acordo com Roberts e Roussou (2003), a mudança paramétrica é um aspecto do processo de fixação dos parâmetros:

A change is initiated when (a population of) learners converge on a grammatical system which differs in at least one parameter value from the system internalized by the speakers whose linguistic behaviour provides the input to the learners. As the younger generation replaces the older one, the change is carried through the speech community. Of course, many social, historical and cultural factors influence speech communities, and hence the transmission of changes (see Labov 1972, 1994). From the perspective of linguistic theory, though, we abstract away from these factors and attempt, as far the historical record permits, to focus on change

purely as a relation between grammatical systems¹. (Roberts; Roussou, 2003, p. 11)

A mudança linguística está, pois, intimamente relacionada ao processo de aquisição. Kroch (2001) observa que ocorre mudança quando ocorre uma “falha” no processo de aquisição, no sentido de um ou mais parâmetros serem marcados diferentemente entre uma geração e outra. Nas palavras de Roberts e Roussou (2003):

The logical problem of language change interacts with the logical problem of language acquisition. For the latter, the question is how children succeed in setting the parameters correctly on the basis of the input they receive, given that this input may be insufficient and degenerate (see the ‘poverty of stimulus’ argument of Chomsky 1986a). If by ‘correctly’ we mean complete matching with the adult setting, then the logical problems of language acquisition and language change become contradictory. If, however, by ‘correctly’ we mean simply fixing a value consistent with the trigger experience, as suggested above, then the contradiction does not arise. Let us call this the weakly deterministic view of language acquisition: the goal of acquisition is to fix parameter values on the basis of experience – all parameter values must be fixed, but there is no requirement for convergence with the adult grammar (although this happens most of the time).². (Roberts; Roussou, 2003, p. 13)

1 “Uma mudança começa quando (uma população de) falantes converge para um sistema gramatical que difere em pelo menos um valor de parâmetro do sistema internalizado pelos falantes cujo comportamento linguístico fornece o input para os falantes. Enquanto a geração mais jovem substitui a mais velha, a mudança é completada na comunidade de fala. Claramente, muitos fatores sociais, históricos e culturais influenciam as comunidades de fala, e, conseqüentemente, a transmissão das mudanças (veja Labov, 1972, 1994). Do ponto de vista da teoria linguística, entretanto, abstraímos esses fatores e tentamos, tanto quanto os registros históricos permitem, focar na mudança puramente como uma relação entre sistemas gramaticais”. [nossa tradução]

2 “O problema lógico da mudança linguística interage com o problema lógico da aquisição da linguagem. Para o último, a questão é como as crianças têm êxito em fixar os parâmetros corretamente na base do input que elas recebem, dado que esse input pode ser insuficiente e degenerado (veja o argumento sobre a ‘pobreza de estímulo’ de Chomsky 1986a). Se por ‘corretamente’ estamos querendo dizer uma combinação completa com a fixação do adulto, então os problemas lógicos da aquisição da linguagem e a mudança linguística se tornam contraditórios. Entretanto, se por ‘corretamente’ que-

Assim, sob a visão determinística fraca da aquisição da linguagem é possível conceber a mudança não como uma “falha” na aquisição, mas sim simplesmente como a fixação paramétrica diferente (ou não convergente com) da gramática dos pais. Nesse sentido, a mudança linguística é vista como algo abrupto: uma vez fixados os parâmetros, a criança chega a um estado estável de língua. Além disso, a implementação da mudança no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros se dá justamente no início do processo: quando a nova forma começa a aparecer na comunidade já ocorreu a mudança paramétrica.

Essa visão tem sido criticada por outros modelos, principalmente o da Teoria de Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), em pelo menos dois pontos: o fato de a mudança ser concebida como algo abrupto e na implementação da mudança linguística. Para os sociolinguistas, é possível capturar uma mudança em andamento, e ela é gradual. E o problema da implementação, por exemplo, é visto quando a mudança chega à sua completude, no aumento gradativo da frequência da nova variante na comunidade estudada até atingir os 100% e a forma variante desaparecer. De fato, o argumento forte dos defensores desse ponto de vista é justamente no comportamento dos dados ao longo do tempo (seja tempo aparente ou tempo real, como sugere Labov, 1994).

Diante disso, temos um problema teórico a resolver: para os gerativistas que trabalham com sintaxe diacrônica, a mudança pode ser representada na forma de um gráfico de curva em ‘S’, tal como os sociolinguistas a vêem. A questão que se coloca, então, é como tratar a mudança linguística que aparece em um *corpus* diacrônico? Como interpretar um quadro de mudança em que duas formas variantes entram em variação ao longo do tempo até que uma forma “ganha” da outra? Kroch (1989, 2001) resolve o problema advogando que a variação que aparece em textos diacrônicos não pode ser interpretada como sendo gerada por uma mesma gramática, mas sim, a variação é interpretada como resultado de gramáticas distintas que entram em competição. Desse modo, a curva em ‘S’ e a substituição gradual de uma forma pela outra, como vemos com os resultados quantitativos, é o resultado da competição entre pelo menos duas gramáticas, e a substituição gradual de uma gramática pela outra. Nas palavras de Pintzuk (2003):

remos dizer simplesmente fixar um valor consistente com a experiência detonadora, como sugerido acima, então não há contradição. Chamemos isso de visão da aquisição da linguagem fracamente determinística: o objetivo da aquisição é fixar os valores dos parâmetros na base da experiência – todos os valores paramétricos devem ser fixados, mas não há nenhum requerimento para convergência com a gramática do adulto (apesar de isso ocorrer na maioria dos casos).” [Nossa tradução]

But when syntactic variation is analyzed as grammatical competition, our picture of the time course and the nature of syntactic change must be revised. (...)

When syntactic variation and change is understood in this way, we can see that the new grammatical option does not simply replace the old one at the end of a long period of variation; rather the new option is acquired and both options are used, with the old option finally lost at the end of the period of competition. **The gradual nature of syntactic change is thus simply a reflex of the gradual nature of grammatical competition.**³

E essa competição pode ser apreendida estatisticamente com o que Kroch (1989) chama de Efeito da Taxa Constante: quando ocorre uma mudança paramétrica, as formas relacionadas ao parâmetro que muda mudam numa taxa constante ao longo do tempo. Vis-à-vis, se conseguirmos captar ao longo do tempo uma mudança paramétrica, isto é, o comportamento estatístico de estruturas gramaticais aparentemente não relacionadas entre si vai ser o mesmo; ao contrário, estruturas não relacionadas ao parâmetro em mudança não apresentarão uma curva de mudança ao longo do tempo. Para Kroch (1989):

Contexts change together because they are merely surface manifestations of a single underlying change in grammar. Differences in frequency of use of a new form across contexts reflect functional and stylistic factors, which are constant across time and independent of grammar.”⁴ (Kroch, 1989, p. 199)

Seguindo essa visão, neste trabalho vamos analisar os padrões de SV e VS e tentar detectar quais padrões estão associados a uma gramática do PB, tal como ela está configurada hoje, e quais pertencem a uma outra gramática, que pode ser a gramática do PE, que era o modelo de língua ao qual os missivistas poderiam

3 Mas quando a variação sintática é analisada como competição de gramática, nossa visão sobre o tempo e sobre a natureza da mudança sintática deve ser revisada. (...) Quando a variação e mudança sintática é entendida dessa maneira, podemos ver que a nova opção gramatical não substitui simplesmente a velha forma ao final de um longo período de competição. A natureza gradual da mudança sintática é assim o reflexo da natureza gradual da competição de gramáticas.

4 “Os contextos mudam em conjunto porque eles são meramente manifestações sintáticas de uma única mudança subjacente na gramática. As diferenças nas taxas de uso de uma nova forma ao longo dos contextos refletem fatores funcionais e estilísticos, que são constantes ao longo do tempo e independentes da gramática.” [Nossa tradução].

estar expostos. Desse modo, cabe considerar atentamente as especificidades do *corpus* e dos missivistas em questão, o que trataremos na próxima seção.

3 CORPUS E METODOLOGIA

O *corpus* deste trabalho é constituído de cartas escritas entre o final do século XIX e início do século XX que compõem o **Corpus Compartilhado Diacrônico: Cartas Pessoais Brasileiras**, desenvolvido pela equipe do Laboratório de História do Português Brasileiro, coordenada por Célia Lopes, UFRJ (www.lettras.ufrj.br/laborhistorico). Os documentos estão disponíveis para acesso online editados em XML. Para essa análise, escolhemos casais pertencentes a cinco “famílias” distintas:

- Família Pedreira Ferraz Magalhães: representada por cartas escritas entre 1876 e 1928 por Jerônimo de Castro Abreu Magalhães (engenheiro civil, nascido em 1851) e Zélia Pedreira Abreu Magalhães (esposa de Jerônimo, nascida em 1857) destinadas a seus filhos.
- Avós Ottoni: 41 cartas escritas entre 1879 e 1889, pelo casal Christiano Benedicto Ottoni (engenheiro, Senador do Império e depois Senador da República) e sua esposa Barbara Balbina de Araújo Maia Ottoni a seus netos Mizael e Christiano enquanto estes moravam em Paris.
- Oswaldo Cruz: cartas escritas entre 1891 e 1915 por Oswaldo Cruz, médico sanitarrista brasileiro, e sua esposa Emília, filha de um comendador português.
- Afonso Penna Jr.: Cartas escritas entre 1896 e 1926 por Afonso Augusto Moreira Penna (ex-presidente da República) e sua esposa D. Maria Guilhermina de Oliveira Penna ao seu filho Afonso Penna Jr.
- Casal Jayme-Maria: Cartas escritas entre 1936 e 1937 por um casal de namorados residentes no Rio de Janeiro, Jayme e Maria. O que se sabe deste casal são as informações retiradas das próprias cartas, uma vez que elas foram encontradas ao acaso e não em acervos oficiais: Jayme morava em Ramos, subúrbio carioca; e Maria morava em Petrópolis, na Serra Fluminense.

A metodologia para compor o *corpus* em questão envolve não só a recolha do material a ser analisado, mas também um levantamento biográfico dos missivistas, o que não é tarefa tão difícil assim, por se tratarem de famílias “ilustres”, cuja história privada se confunde com sua história pública. Entretanto, nos levantamentos feitos, não encontramos referências mais específicas sobre as mulheres, tendo em vista que a mulher no século XIX, em geral, desempenhava um papel social restrito ao ambiente familiar. Medeiros (2012) mostra que o papel social

da mulher no Brasil no século XIX ainda é muito restrito ao ambiente familiar, nas suas palavras:

Although the roots of feminism in Brazil's urban centers date from the 19th century, real progress in this matter only start to happen in the 20th century, even though slowly. In the 30's, women gained the right to vote, but it was only since 1960 that real change began to happen. By this time, while the second phase of feminism took place in Europe and in the United States, Brazil was living a military dictatorship. Even so, feminist movements began to organize themselves in favor of issues like divorce and equality between men and women. In this same decade, women also begin to finally leave the private sphere of family to enter the public and professional field.⁵

Diante desse quadro, podemos perceber que os papéis que essas mulheres desempenhavam estavam restritos ao lar, à criação dos filhos; ao passo que seus maridos tinham posições na sociedade bem definidas que iam além dos muros de suas casas.

Pela breve apresentação das famílias, podemos notar duas especificidades que podem ser relevantes nos padrões de SV e VS encontrados no *corpus*. Em primeiro lugar, estamos diante, por um lado, de quatro famílias de “ilustres”, cujos missivistas, principalmente os homens, foram pessoas públicas que desempenharam papéis na sociedade brasileira (mais especificamente, carioca) e por outro lado, temos cartas de um casal “não-ilustre”, cuja correspondência foi encontrada ao acaso (no lixo), de quem sabemos pouco. Além disso, ao compararmos os missivistas entre si (homens vs. mulheres), podemos notar mais uma diferença: dos homens temos informações sobre as suas ocupações e os papéis desempenhados na sociedade: engenheiro, senador, ex-presidente, médico sanitariano; das mulheres a única informação de que dispomos é que elas eram esposas dos seus maridos.

5 Apesar de as raízes do feminismo nos centros urbanos brasileiros datarem do século XIX, o progresso real nessa questão só começa a acontecer no século XX, mesmo assim lentamente. Nos anos 1930, as mulheres ganharam o direito de votar, mas só foi a partir de 1960 que a mudança real começou a acontecer. Nessa época, enquanto a segunda fase do feminismo acontecia na Europa e nos Estados Unidos, o Brasil estava vivendo uma ditadura militar. Mesmo assim, os movimentos feministas começaram a se organizar a favor de questões como o divórcio e a igualdade entre homens e mulheres. Na mesma década, as mulheres começaram finalmente a sair da esfera privada familiar e a entrar no campo público e profissional. [Nossa tradução]

Assim sendo, levantamos a seguinte hipótese, tendo como ponto de partida essas diferenças sociais:

- Esperamos encontrar, já no século XIX, nas cartas das missivistas mulheres um padrão de ordem VS muito parecido com o atual encontrado para o PB: restrito a construções inacusativas e apresentativas; ao passo que nas cartas dos missivistas homens, encontramos diferentes padrões de ordem VS.

A metodologia de análise segue a empregada nos trabalhos de cunho quantitativo: foram recolhidos e codificados 1482 dados de sujeito pré-verbal e pós-verbal segundo dois contextos sintáticos específicos (tipo de verbo e tipo de oração). Foram controlados também os missivistas e as datas dos documentos. Para tanto, utilizamos o Programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005).

4 RESULTADOS

A evolução da ordem SV/VS ao longo do tempo será apresentada considerando-se a data de publicação do conjunto de cartas, por família e por missivista. Além disso, apresentamos os padrões SV/VS por missivista e tipo de verbo e por tipo de sentença. Passemos aos resultados gerais:

A Tabela 1 e o Gráfico 1 a seguir trazem os resultados gerais por família ao longo do tempo.

Tabela 1. A evolução de SV/VS ao longo do tempo (data de produção da carta)

Família / Acervo	Ordem	No.	Taxa
Pedreira F. Magalhães (1876-1928)	SV	93	0,88
	VS	13	0,12
	total	106	1,00
Otoni (1879-1889)	SV	168	0,77
	VS	51	0,23
	total	219	1,00
Oswaldo Cruz (1891-1915)	SV	263	0,83
	VS	55	0,17
	total	318	1,00
Afonso Penna (1896-1926)	SV	271	0,89
	VS	34	0,11
	total	305	1,00
Jayme-Maria (1936-1937)	SV	496	0,93
	VS	38	0,07
	total	534	1,00

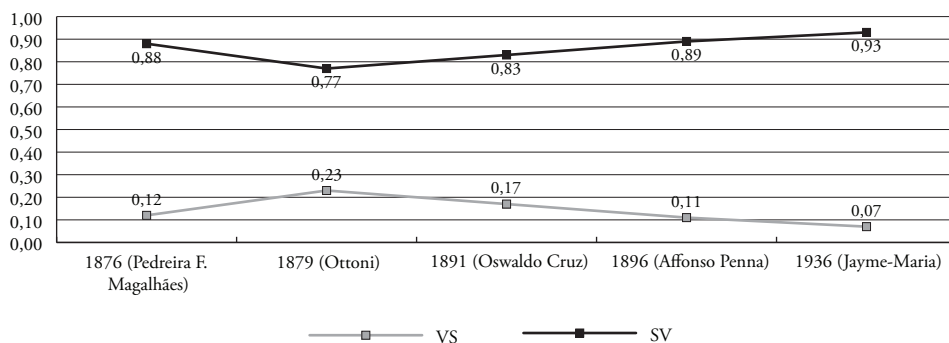


Gráfico 1. A evolução SV/VS por família ao longo do tempo

Podemos verificar que os índices de VS são muito baixos em comparação aos índices de SV, o que nos leva a interpretar que a ordem VS é condicionada por

fatores específicos e não é livre. Além disso, vemos uma diminuição dos índices de VS ao longo do tempo.

Vejamos então como se configura o padrão SV/VS por missivista ao longo do tempo. O Gráfico 2 traz os índices de SV/VS por missivista ao longo do tempo tendo por comparação a data de nascimento dos missivistas. A pesquisa biográfica revelou as datas de nascimento dos missivistas homens, cuja história foi documentada. De algumas missivistas, conseguimos informações biográficas, como a data de nascimento, mas não de todas. Assim, fizemos uma projeção da data de nascimento, considerando um intervalo de 10 anos da data de nascimento do marido em relação a da mulher, para saber como se dá o comportamento de SV / VS no eixo temporal. O resultado apresenta-se a seguir:

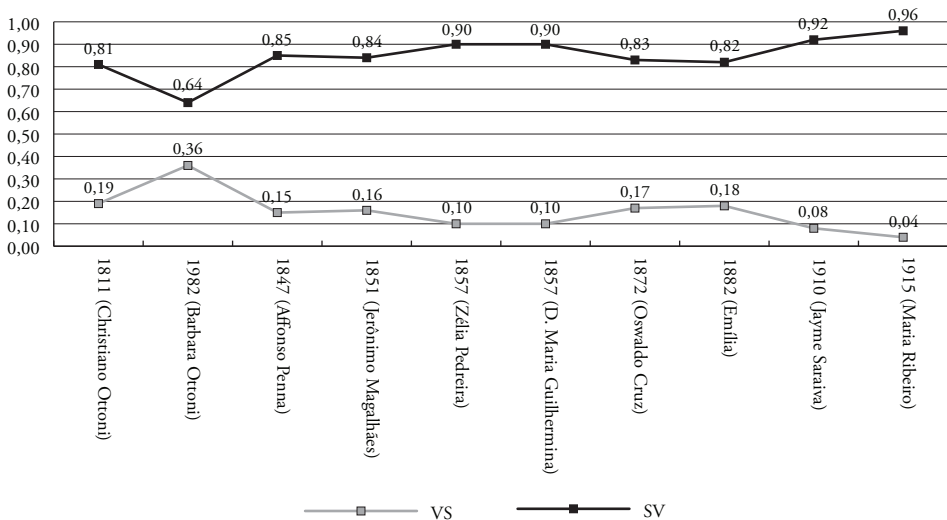


Gráfico 2. A evolução SV/VS por missivista

No geral, os índices de VS diminuem ao longo do tempo nas cartas dos missivistas homens quanto nas cartas das missivistas mulheres. As projeções das datas de nascimento revelam o comportamento já capturado no Gráfico 1, com as datas das produções das cartas. Observando mais detalhadamente o comportamento dos homens em relação ao das mulheres, podemos ver que os homens no geral apresentam um índice de VS mais alto do que as mulheres suas contemporâneas. Chama a atenção, entretanto, o alto índice de VS nas cartas da D. Barbara Ottoni (0,36) em relação ao seu marido, Dr. Christiano Ottoni (0,19). Esse alto índice vai contra a hipótese levantada de que as mulheres apresentariam

um índice de VS mais baixo do que o dos homens. Isso será verificado na seção 4. O casal Jayme e Maria, cuja história foi reconstruída a partir do conteúdo das suas cartas, foram os missivistas que apresentaram os menores índices de VS, deixando pistas para uma proximidade maior com a gramática atual do PB.

Passemos, então, aos resultados dos contextos sintáticos específicos (tipo de verbo e tipo de sentença) por missivista para saber como se configura(m) a(s) gramática(s) do PB nesses documentos. As Tabelas 2 e 3 a seguir trazem os resultados do padrão SV/VS por tipo de verbo nas cartas dos missivistas homens e das mulheres:

Tabela 2. A ordem SV/VS por tipo de verbo e missivista: homens

		Inacusativo		Inergativo		Transitivo		Locativo		Atributivo		
Jerônimo Magalhães	SV	1	0,50	0		20	0,95	2	0,50	13	0,81	
	VS	1	0,50	0		1	0,05	2	0,50	3	0,19	
	total	2		0		21		4		16		43
Christiano Ottoni	SV	1	0,50	6	0,75	85	0,80	1	0,50	39	0,89	
	VS	1	0,50	2	0,25	21	0,20	1	0,50	5	0,11	
	total	2		8		106		2		44		162
Oswaldo Cruz	SV	9	0,41	9	0,69	98	0,92	2	0,50	85	0,82	
	VS	13	0,59	4	0,31	9	0,08	2	0,50	19	0,18	
	total	22		13		107		4		104		250
Affonso Penna	SV	3	0,75	3	0,75	37	0,86	3	0,60	20	0,91	
	VS	1	0,25	1	0,25	6	0,14	2	0,40	2	0,09	
	total	4		4		43		5		22		78
Jayme Saraiva	SV	28	0,85	19	0,79	162	0,96	4	0,80	131	0,91	
	VS	5	0,15	5	0,21	7	0,04	1	0,20	13	0,09	
	total	33		24		169		5		144		375

Podemos notar que os maiores índices de VS nos homens se encontram nas construções inacusativas, em todos os missivistas. É necessário notar também que os índices de VS em verbos inergativos, principalmente nas cartas de Oswaldo Cruz e de verbos transitivos nas cartas de Christiano Ottoni. No geral,

os índices de VS diminuem ao longo do tempo pela data de produção das cartas. Passemos aos resultados das mulheres:

Tabela 3. A ordem SV/VS por tipo de verbo e missivista: mulheres

		Inacusativo		Inergativo		Transitivo		Locativo		Atributivo		
Zélia Pedreira	SV	4	0,67	2	1,00	33	0,94	0		18	0,90	
	VS	2	0,33	0	0,00	2	0,06	0		2	0,10	
	total	6		2		35		0		20		63
Barbara Ottoni	SV	4	0,57	4	0,67	14	0,48	3	1,00	12	0,92	
	VS	3	0,43	2	0,33	15	0,52	0	0,00	1	0,08	
	total	7		6		29		3		13		58
Emília	SV	0	0,00	7	1,00	25	0,83	4	0,67	20	0,87	
	VS	2	1,00	0	0,00	5	0,17	2	0,33	3	0,13	
	total	2		7		30		6		23		68
D. Maria Guilhermina	SV	7	1,00	8	1,00	99	0,96	16	0,89	74	0,82	
	VS	0	0,00	0	0,00	4	0,04	2	0,11	16	0,18	
	total	7		8		103		18		90		226
Maria Ribeiro	SV	8	0,89	14	0,93	97	0,97	5	1,00	28	0,93	
	VS	1	0,11	1	0,07	3	0,03	0	0,00	2	0,07	
	total	9		15		100		5		30		159

No geral, os maiores índices de VS nas cartas das missivistas mulheres se encontram nas construções inacusativas, principalmente na missivista Maria, que apresenta o padrão de VS mais próximo da gramática do PB atual. Chamam atenção os altos índices de VS na missivista D. Barbara Ottoni, em construções transitivas, ao contrário do que esperado nas hipóteses levantadas. Tais índices serão apresentados mais adiante na seção 4.0.

Comparando os homens com as mulheres, podemos observar que os primeiros além de apresentar maiores índices de VS em relação às mulheres, os casos de VS estão espalhados em uma gama maior de construções verbais. As mulheres, no geral, confirmando as hipóteses levantadas, possuem altos índices de VS em construções inacusativas.

Vejamos agora os padrões de SV/VS no comportamento de homens e mulheres por tipo de sentença. Comparemos as Tabelas 4 e 5 a seguir:

Tabela 4. A ordem SV/VS por tipo de sentença e missivista: homens

		Matriz		Subordinada		Coordenada		Interrogativa		
Jerônimo Magalhães	SV	28	0,82	7	0,88	1	1,00	0		
	VS	6	0,18	1	0,13	0	0,00	0		
	total	34		8		1		0		43
Christiano Ottoni	SV	77	0,79	38	0,88	16	0,76	1	1,00	
	VS	20	0,21	5	0,12	5	0,24	0	0,00	
	total	97		43		21		1		162
Oswaldo Cruz	SV	151	0,88	36	0,73	17	0,81	3	0,38	
	VS	21	0,12	13	0,27	4	0,19	5	0,63	
	total	172		49		21		8		250
Affonso Penna	SV	47	0,85	17	0,94	2	0,67	0	0,00	
	VS	8	0,15	1	0,06	1	0,33	2	1,00	
	total	55		18		3		2		78
Jayme Saraiva	SV	173	0,92	112	0,96	58	0,89	1	0,25	
	VS	16	0,08	5	0,04	7	0,11	3	0,75	
	total	189		117		65		4		375

Notamos nos dados dos missivistas um alto índice de VS em construções subordinadas (Oswaldo Cruz e Jerônimo Magalhães) e construções interrogativas (Oswaldo Cruz, Affonso Penna e Jayme Saraiva). Esse padrão se aproxima ao padrão encontrado nas línguas de sujeito nulo, como o PE e o Espanhol, em que a posposição do sujeito ocorre por um fator gramatical: é o complementador que faz o verbo se mover para uma posição mais alta gerando a ordem VS. Esse padrão não é o do PB. O fato de termos encontrado nas cartas dos missivistas pode indicar que estamos diante de uma gramática mais próxima da do PE.

Vejamos como se comportam as mulheres com relação à VS em construções interrogativas ou encaixadas com os dados da Tabela 5:

Tabela 5. A ordem SV/VS por tipo de sentença e missivista: mulheres

		Matriz		Subordinada		Coordenada		Interrogativa		
Zélia Pedreira	SV	41	0,89	11	1,00	4	1,00	1	0,50	
	VS	5	0,11	0	0,00	0	0,00	1	0,50	
	total	46		11		4		2		63
Barbara Ottoni	SV	23	0,56	10	0,91	4	0,67	0		
	VS	18	0,44	1	0,09	2	0,33	0		
	total	41		11		6		0		58
Emília	SV	41	0,80	7	0,88	8	0,89	0		
	VS	10	0,20	1	0,13	1	0,11	0		
	total	51		8		9		0		68
D. Maria Guilhermina	SV	150	0,96	26	0,96	10	0,91	18	0,58	
	VS	7	0,04	1	0,04	1	0,09	13	0,42	
	total	157		27		11		31		226
Maria Ribeiro	SV	71	0,92	60	1,00	21	0,95	0		
	VS	6	0,08	0	0,00	1	0,05	0		
	total	77		60		22		0		159

Podemos notar um comportamento bem diferente em relação aos missivistas homens: mais uma vez os índices de VS nas mulheres estão restritos a menos contextos sintáticos em comparação com o comportamento dos missivistas homens. Os resultados da Tabela 5 estão consoantes aos da Tabela 3 pelo tipo de verbo: se as mulheres apresentam maiores índices de VS com verbos inacusativos é de esperar que eles estejam restritos às sentenças matrizes. Diferentemente dos homens, que apresentam altos índices de VS em sentenças encaixadas ou interrogativas, isso não ocorre nas cartas das mulheres, com exceção da D. Maria Guilhermina que apresenta 0,42 de VS em interrogativas. Isso será também analisado com mais detalhes na seção 4.0. A missivista Maria foi a que apresentou o menor índice de VS entre as mulheres também nesses contextos sintáticos. A missivista Maria parece ser a que apresenta a gramática mais próxima do PB entre todas as missivistas.

Passemos agora para a análise detalhada dos tipos de VS encontrados, com o intuito de explicar o porquê de altos índices de VS nas cartas da D. Barbara

Otoni (em sentenças transitivas) e nas da D. Maria Guilhermina (em interrogativas), contrariando as hipóteses levantadas.

5 INTERPRETANDO OS RESULTADOS

Os resultados, no geral, confirmam as hipóteses levantadas, no sentido de haver uma diminuição no índice de VS ao longo do tempo e em determinados contextos sintáticos. Cabe agora analisar os padrões que fugiram à hipótese levantada: como explicar os altos índices de VS nas cartas da D. Barbara Otoni e nas da D. Maria Guilhermina? Vejamos que tipo de VS está em jogo nessas missivistas.

Das 21 sentenças com sujeito pós-verbal, 12 são encontradas nas despedidas das cartas da D. Barbara Otoni, configurando mais um caso de expressões formulaicas do que uma VS gerada pela gramática da missivista, como vemos nos exemplos em (5):

- (5) a. Abraça a sua Mae e a Ninia a Tio Lulu e a Bebe por mim que de tenho muitas saudades e te abençoa **Sua avo e Amiga Barbara**
 b. Com muitas saudades te abraça **Sua Dindinha do Coração Barbara**
 c. Com muitas saudades os abraça **Sua Dindinha e Amiga. Barbara**
 d. Com muitas sa-udades os abraça **Sua avó Amiga Barbara**
 e. Teabraça e a Christiano **Sua Avo e Amiga Barbara**
 f. Lembrança a os meninos e te abraça Com muitas saudades **Sua Mai e Amiga Bárbara**
 g. Com muitas saudades os abraça **Sua avó e Amiga Barbara**

Nas cartas da D. Maria Guilhermina, das 22 construções de VS, 13 são encontradas em interrogativas, todas com o mesmo verbo, como mostram os exemplos em (6):

- (6) a. Como vai a Thomazia
 b. Como vai a Ma-rieta?
 c. Como vai o Affonso?
 d. Como vai a Celina?
 e. Como vai o Paulo e Julinha?
 f. Como vai a Dona Etel-vina?
 g. Como vão os meus netinhos?
 h. Como vão os meus netinhos?
 i. Como vai o Joaquim?
 j. Como vai a boa Marieta?

- k. Como vai o Aluysio?
- l. Como esta Nhanhá?
- m. Como vai a Celina?

Podemos perceber que o alto índice de VS nessas duas missivistas não pode ser atribuído a um tipo de VS gerado por uma gramática, mas mais pelo uso de expressões cristalizadas que correspondem, de certo modo, a Tradições Discursivas. Assim, os altos índices de VS nesses dois contextos (verbos transitivos e interrogativas) nessas missivistas não são da mesma natureza que a ordem VS que aparece nas cartas dos missivistas homens. Podemos ver que os padrões de VS nas cartas dos missivistas é muito mais amplo, como em sentenças subordinadas (7) e interrogativas (8):

- (7) a. Daqui a um anno has de estar de ta-manho, que tem hoje teu irmão. (Christiano Ottoni, 22.12.1879)
- b. Fiquei muito satisfeito com a bonita e aceiada cartinha que teu irmão escreveu á tua Dindinha: eu disse á ella – daqui a um anno, quando o nosso netinho Misael tiver a mesma idade **que tem hoje seu ir-mão**, tambem elle ha de escrever assim. (Christiano Ottoni, 18.12.1888)
- c. Sê por conseguinte muito obediente a teus superiores, porque assim o **manda Nosso Senhor**. (Jerônimo, sd.)
- d. Segui imediatamente pa o Cemiterio e d'ai fui ver nossa casa à Praia. Ai estava quando **chegaram Noemi e Raul** vindo de Petropolis. (Oswaldo Cruz, 1.02.1915)
- e. Outro dia quando voltei do Vidigal com teu Pai, encontrei-a n'aquelles trajas de banho, sentada no muro da rua, na ocasião em que **passavam operários da fabrica**; mais tarde quando voltei para casa estava ella sentada na calçada de casa da Amelia, no meio de trabalhadores que capinavam a ladeira. Isto não é de doida? (Oswaldo Cruz, 19.04.1891)
- (8) a. Quando chegará o feliz tempo em que viveremos junctos, n'aquella aprazível morada? (Oswaldo Cruz, 21.04.1891)
- b. Mas o que poderá produzir-me essa ventura? (Jayme, 12.10.1936)
- c. Já forão recebidas as apolices da Christina? (Affonso Penna, 05.12.1904)

Além disso, encontramos nas cartas dos missivistas homens exemplos de ordem VS em construções apresentativas sem ser inacusativas, como vemos em (9):

- (9) a. Ha 3 dias, subio **a familia do Doutor Penna** (Christiano Ottoni, 22.01.1875)

- b. Em Petropolis, esperava-me na estação **o Salles Guerra**. (Oswaldo Cruz, 1.02.1915)
- c. Ao meio dia está **a cidade toda iluminada** e assim mesmo a gente precisa se mover com cuidado para não ser esmagada. (Oswaldo Cruz, 24.12.1907)

Esses dados podem nos revelar que estamos diante de competição de gramáticas com relação ao padrão de VS encontrado nesses documentos escritos entre os fins do século XIX e início do século XX. Podemos dizer que já em fins do século XIX há reflexos da gramática do PB nesses documentos, principalmente considerando as cartas das missivistas mulheres. Os homens, por outro lado, apresentam um padrão de VS muito semelhante ao da gramática do PE, em que não só construções inacusativas, mas também sentenças encaixadas e interrogativas influenciam a ordem VS. Considerando os papéis sociais dos missivistas aqui estudados, podemos dizer que os homens, pela exposição maior a modelos de língua podem acessar duas gramáticas e os padrões de ordem VS revelam essa competição. As mulheres, por outro lado, pelos papéis sociais desempenhados, apresentam um padrão de ordem VS mais próximo do encontrado hoje no PB. Os altos índices de VS em construções transitivas da D. Barbara Ottoni e em construções interrogativas da D. Maria Guilhermina podem ser explicados não por gramáticas em competição, mas sim pela utilização de estruturas formulaicas cristalizadas na língua, como fósseis linguísticos (no sentido de Martins, 2003).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos um estudo do padrão de ordem SV e VS em cartas pessoais escritas entre fins do século XIX e início do século XX. Os resultados aqui encontrados podem revelar marcas de gramáticas distintas com relação à mudança que afeta os padrões de ordem VS no PB: a restrição a contextos inacusativos.

É possível encontrar marcas de duas gramáticas distintas com relação à posição do sujeito nessas missivas: (A) uma gramática em que a ordem VS é condicionada por fatores “discursivos”, como nas construções apresentativas e por fatores gramaticais, como nas sentenças subordinadas e interrogativas; (B) uma gramática com ordem VS restrita a contextos inacusativos. A gramática “A” emerge nas missivas dos homens, a gramática “B” aparece principalmente nas cartas das mulheres.

Destacam-se duas mulheres, D. Barbara Ottoni e D. Maria Guilhermina Penna, que apresentam altos índices de VS em construções transitivas e

interrogativas, respectivamente; mas esse padrão de VS revela traços de construções cristalizadas, quase Tradições Discursivas.

O casal Jayme-Maria, o menos “instruído” do grupo, apresenta um padrão de VS mais próximo do PB atual, principalmente se consideramos o comportamento da Maria que possui VS praticamente com verbos inacusativos.

REFERÊNCIAS

Berlinck, Rosane. 1988. A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

Berlinck, Rosane. 1989. A construção VSN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem, In: Tarallo, F. (org). Fotografias sociolinguísticas. Campinas, Pontes Editores, pp. 95-112.

Cavalcante, Silvia Regina de Oliveira. 2007. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 2, pp. 63-82.

Chomsky, Noam. 1986. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. Praeger, New York.

Coelho, Izete. 2000. A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático semântica. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Coelho, Izete. Monguilhott, Isabel; Martins, Marco Antonio. 2008. Estudo diacrônico da inversão sujeito-verbo no português brasileiro: fenômenos correlacionados. In: Roncarati; Abraçado. (Orgs.). *Português Brasileiro II – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, pp. 137-157.

Duarte, M. Eugênia L. 1992. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *DELTA* 8, N. Especial: 37-52.

Galves, Charlotte. 1987. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de Linguística* 13, pp. 31-50.

Holmberg A, Nayudu A, Sheehan M. 2009. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica* 63(1), pp. 59–97.

Holmberg, Anders. 2006. The null generic pronoun in Finnish. In.: KAISER E, Manninen S; Hiietan K; Vihman V (eds.) *Passives and impersonals in European languages*. Oxford: OUP.

Kato, Mary; Cyrino, Sonia; Duarte, M. Eugenia L. ; Berlinck, Rosane. 2006. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: Cardoso, Suzana; Mota, Jacyra; Silva, Rosa Virgínia M. e. (Org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/ Funcultura/Governo da Bahia, pp. 413-438.

Kroch, Anthony. 2001. Syntactic Change. In. Baltin; Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: Blackwell, pp. 699-729.

Kroch, Anthony. 1989. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and change*, 1, pp. 199-244.

Labov, William. 1972. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Labov, William. 1994. *Principles of linguistic change*. Oxford / Cambridge, Blackwell.

Lightfoot, David. 1999. *The Development of Language*. Oxford: Blackwell.

Lightfoot, David. 2006. *How new languages emerge*. Cambridge, UK: Cambridge University Press,.

Lopes, Célia. 2005. A história da família Ottoni nas linhas e entrelinhas. In.: Lopes, C. *A Norma Brasileira em Construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ.

Medeiros, Carolina Salgado Lacerda. (2012) The role represented by gender in Brazilian Portuguese: a study of linguistic and social profiles. Comunicação apresentada no Sociolinguistics Symposium 19. Freie Universität, Berlin, pp. 21-24 Agosto, 2012. (<http://neon.niederlandistik.fu-berlin.de/ss19/paper/1240>).

Negrão, Esmeralda; Viotti, Evani. 2000. Brazilian Portuguese as a Discourse-oriented language. In: Kato, Mary Aizawa; Negrão, Esmeralda Vailati. (Org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert Verlag.

Pintzuk, Susan. 2003. Variationist approaches to syntactic change. In: *The handbook of historical linguistics*, edited by Brian D. Joseph and Richard D. Janda. Blackwell.

Pontes, Eunice. 1987. *O tópic no Português do Brasil*. Campinas, Pontes.

Roberts, Ian; Roussou, Anna. 2003. *Syntactic Change: a Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: CUP.

Sankoff, David; Tagliamonte, Sally; Smith, Eric. 2005. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto.

Tarallo, Fernando. 1993. Diagnosticando uma Gramática Brasileira: O Português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: Roberts, Ian; Kato, Mary (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*.

Weinreich U, Labov W, Herzog M. 1968. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em: 15/11/13

Aprovado em: 06/02/14